"Ainda não havia Espírito"

O Espírito Santo no quarto Evangelho

Quem não se surpreendeu com essa afirmação do quarto Evangelho: "Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham crido nele; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado" (Jo 7,39)?

O evangelista fala dos que crêem em Jesus: esses ainda não receberam o Espírito porque Jesus ainda não chegou à sua hora (a hora da glorificação). Mas é claro que o Espírito já existia, havia Espírito, mas não tinha sido dado. Havia Espírito, e quem o tinha era Jesus mesmo.

João nos faz acompanhar essa transmissão do Espírito: O Espírito que está em plenitude em Jesus é por ele transmitido aos discípulos na hora da sua glorificação e assim a comunidade dos crentes torna-se nova portadora do Espírito. São esses três passos que vamos nós também tentar analisar nesse artigo.

1. "VI O ESPÍRITO DESCER... E PERMANECER SOBRE ELE" (Jo 1,32)

Eis o testemunho fundamental de João Batista. Ele veio para dar testemunho, não conhecia o Enviado de Deus, mas ele viu o Espírito descer e permanecer sobre ele. Por isso pode afirmar: é ele o Cordeiro de Deus, o Eleito de Deus.

É o Espírito que identifica Jesus de Nazaré como Messias, de acordo com a profecia de Isaías: "Sobre ele repousará o Espírito de Javé" (Is 11,2). O Evangelista faz questão de escrever que o Espírito "PERMANECEU". O verbo *menein*, utilizado pelo menos 40 vezes no quarto evangelho, corresponde ao hebraico: *shakan*. Ora, é também esse jogo fonético que o evangelista usa quando nos fala da presença do *Logos* entre nós: "Ele se encarnou e habitou entre nós" (Jo 1,14). Habitou, *eskênosen* em grego, foneticamente lembra a *shekinah* – presença de Deus-Javé no Templo de Jerusalém. É dessa presença de Javé que dependia também a presença do Espírito. Essa mesma afirmação será retomada muitas outras vezes no decorrer do livro: a Natanael, em admiração diante do Profeta vindo de Nazaré, Jesus se identifica

como o lugar da presença do Deus vivo no meio do seu povo, melhor ainda, aqui na terra: Ele é o lugar que une céu e terra, Deus e a humanidade, como no sonho de Jacó (Jo 1,51 e Gn 28,10-17). É com essa revelação última que termina a identificação de Jesus no capítulo primeiro do livro de João, dos versículos 19 a 51. É o ponto máximo da cristologia joanina que continuará marcando o relato evangélico do nome divino: Eu sou. Mais do que a presença de Deus, Jesus é Deus-Javé entre os seus. Essa presença porém será plenamente compreendida quando a hora terá chegado, quando o Filho do Homem será elevado (Jo 8,28). Somente então: "*Vereis* o céu aberto..." (Jo 1,51). Com o céu aberto ocorre a volta do Espírito da Profecia, da Palavra de Deus dirigida ao seu povo, são os tempos messiânicos chegando e conseqüentemente o dom do Espírito para todos e todas.

Enquanto esse tempo novo não chegou na sua plenitude, só Jesus tem o Espírito e é assim consagrado NOVO TEMPLO: "Ele falava do Templo do seu corpo..." (Jo 2,21). Mas essa mensagem será compreendida somente depois da Ressurreição, quando enfim haverá Espírito para lembrar e dar a entender (Jo 14,26). Dessa mesma maneira o Evangelista vai ainda misturar esses temas (Espírito, Templo, Jesus) em outros momentos como na conversa com a Samaritana (Jo 4,20-26) ou na proclamação messiânica, no último dia da festa das tendas (Jo 7,37).

Jesus é o Novo Templo e portanto o lugar onde reside o Espírito. A presença em Jesus, do Espírito, o revela também como o Templo escatológico: o Templo, nem em Jerusalém nem nessa montanha, mas onde estão os adoradores em Espírito e Verdade, pois a verdade última da revelação é que Deus é Espírito (Jo 4,24).

Durante toda a vida pública só Jesus tem o Espírito, só Jesus é a Palavra da profecia (Jo 3,34). Por isso é preferível traduzir o versículo 34 da seguinte maneira: "Aquele que Deus enviou tem as palavras de Deus, pois Ele lhe dá o Espírito sem medida". Deus não somente dá a sua Palavra mas também o seu Espírito ao seu Enviado. Jesus é a Palavra (*Logos*) e ele permanece no Espírito. Ele assim é o único que pode DIZER o Pai, o único exegeta do Pai (Jo 1,18), pois as palavras não são dele, o enviado, mas do Pai. Sendo Palavra de Deus, pronunciada pelo seu Espírito em Jesus, ela transmite a vida (Jo 6,63).

Esse é o outro tema que marca a vida pública de Jesus: Palavra, Vida, Jesus. Essa relação nos é apresentada em toda a sua plenitude no segundo sinal, de Caná (Jo 4,46-54). É a Palavra de Jesus, é a Palavra que é Jesus, que transmite a vida: "Vai, teu filho vive". Ele reconheceu que foi na hora em que Jesus *falou*: "teu filho vive". Já o prólogo nos tinha preparado para receber essa mensagem: "o que foi feito por ele, era a VIDA..." (Jo 1,4). Quem dava a vida senão o *LOGOS*, a Palavra que está no seio do Pai desde toda a eternidade? Ela está com o Deus vivo, Ela é o Deus da vida que se encarnou e habitou entre nós. Ora, João faz questão de nos lembrar o início do Gênesis: "No princípio..." e nesse princípio nos afirma o primeiro livro da Bíblia: "pairava sobre as águas um sopro de Deus..." (Gn 1,1, sopro, fôlego, vento, espírito). Podemos constatar que, como todos os outros temas do livro de João, esse também da Palavra – Vida – Espírito – Jesus, encontra-se anunciado no prólogo. Jesus está no meio de nós, o Deus-Javé, presente na força do seu Espírito que comunica pela Palavra a Vida e a Vida em abundância, em plenitude. Pois sempre João fala de vida plena e não, como muitas vezes é traduzido e pode levar a uma interpretação reducionista: vida eterna. A eternidade é tão-somente um atributo da vida, mas que graça teria uma vida que fosse eterna sem ser plena? É porque ela é plena que também é eterna.

Assim na carne de Jesus de Nazaré se deixou ver o nosso Deus. Jesus é o Templo onde reside o Espírito de Deus e de onde sai a Palavra que dá a vida.

Esse é o motivo pelo qual, no quarto evangelho, durante a vida pública de Jesus, só ele possui o Espírito. Para os outros, mesmo os discípulos, ainda não havia Espírito. Nesse primeiro momento o Espírito é atributo do Messias e, como nós estamos ainda no tempo dos sinais, somente alguns sinais nos são dados para reconhecer essa presença em Jesus. É dessa presença que João, ao qual o Evangelista nunca chama de Batista, dá testemunho. De fato a função essencial do Precursor é "dar testemunho", como os discípulos mais tarde darão também testemunho. Existe um paralelo literário interessante entre:

Jo 1,14-15	e	Jo 1,32-34
Vimos		Vi
o único vindo do Pai		o Filho de Deus
João deu testemunho		João testemunhou
Ver a glória		Ver descer o Espírito Santo

João testemunha ao mesmo tempo que Jesus é a manifestação da glória, portanto da presença libertadora de Javé, e também o lugar onde permanece o Espírito.

2. "ELE ENTREGOU O ESPÍRITO..." (Jo 19,30)

Se, enquanto a hora ainda não chegou, não havia Espírito, quando chegou a hora da glorificação, então o Espírito será dado. Mas de que forma o evangelista nos transmite a mensagem desse momento esperado e tão importante para a vida das comunidades? Fundamentalmente temos dois textos narrando o fato da entrega do Espírito: na cruz, na hora da morte de Jesus, e no primeiro dia da semana, quando Jesus se deixou ver pelos discípulos reunidos e trancados na sala com portas e janelas fechadas.

Não é nosso propósito discutir aqui se o dom do Espírito se dá, segundo João, no Calvário ou no seio dos discípulos reunidos. Para o evangelista os dois textos se complementam e têm dimensão teológica, essa dimensão que devemos tentar atingir.

2.1. "Chegou a hora..." (Jo 17,1)

No quarto Evangelho tudo converge para essa hora, que é a hora da glorificação. É nessa hora que a glória de Deus será total e plenamente revelada em Jesus Cristo. É nessa hora que Jesus realizará em todos os sentidos a simbologia do Cordeiro. É nessa hora que vai manifestar-se a sua divindade: "quando o Filho do Homem for elevado, então saberão que EU SOU..." (Jo 8,28). É para essa hora também que ficou marcado o momento da entrega do Espírito: "Não havia ainda Espírito, porque não tinha sido ainda glorificado..." (Jo 7,39). Para o evangelista, essa hora da glorificação (exaltação – ressurreição...) é também hora da elevação e do dom do Espírito. Em vez da pedagogia de Lucas que nos faz penetrar no mistério de Jesus, passo a passo, momento por momento até o dia de Pentecostes, João nos apresenta a realidade redentora no seu único movimento, no seu único momento, na hora, onde pela morte Jesus abre novos horizontes de vida e nos transmite o Espírito dessa nova vida.

Eis por que o evangelista, ao narrar a morte de Jesus, usa um vocabulário técnico e muito esclarecedor: "Jesus disse: 'tudo está consumado' e, inclinando a cabeça, entregou o Espírito..." (Jo 19,30). Toda a missão está realizada, ela foi levada até a sua plenitude, atingiu seu ponto máximo, não podia ser melhor nem maior: ela está completa. É assim que o evangelista manifesta a consciência que Jesus tem da sua missão cumprida. Mas justamente se nessa hora a missão chegou à sua plenitude, então é a hora também da entrega do Espírito. Por isso João escreve: *paredoken to pneuma*, ou seja, ele entregou o Espírito, no sentido de transmitir plenamente. Não se trata aqui unicamente de entregar o Espírito ao Pai, entregar sua vida: "Pai, em tuas mãos entrego meu Espírito" (Lc 23,46), mas a escolha do verbo, como a sobriedade da frase, tudo leva o leitor a compreender que foi também nessa hora que o Espírito de Deus, Espírito do Pai e do Filho, foi dado à comunidade dos discípulos.

Nessa perspectiva de leitura do livro de João, encontramos mais uma prova, quando logo a seguir o evangelista narra o golpe de lança do soldado: "um dos soldados com sua lança transpassou-lhe o lado e logo saíram água e sangue...". Do lado aberto de Jesus, que está na cruz da glorificação, não podemos esquecer, saem sangue e água, fato que nos faz lembrar a atitude de Jesus no último dia da festa das tendas, no Templo de Jerusalém: "Em pé, Jesus exclamou: quem tem sede, venha a mim e beba, aquele que crê em mim, do seu seio jorrarão torrentes de água viva. Ele falava do Espírito..." (Jo 7,37-39).

A simbologia usada por João para falar do Espírito encontra, na hora da cruz-glorificação, seu pleno sentido. Se nos lembrarmos ainda do profeta Ezequiel: "A água descia do lado direito do Templo..." (Ez 47,1), poderemos unir esse pensamento teológico de João quanto ao dom do Espírito ao tema por ele apresentado e explicado no primeiro momento deste artigo: Jesus, novo Templo, morada de Deus e do Espírito. Do novo Templo que é Jesus vem o Espírito que como uma água viva sacia todos aqueles que buscam o Caminho, a Verdade e a Vida.

O Espírito, no quarto Evangelho, é portanto o dom imediato da glorificação. Ele é o fruto da vida que a árvore da cruz oferece a todos aqueles que, olhando o transpassado, confessam que esse crucificado é realmente a manifestação de Javé Libertador.

É claro que esse dom é oferecido à comunidade dos discípulos. E, de novo, João nos indica o sentido a ser dado ao seu texto. Antes de Jesus entregar o Espírito, João fez questão de reunir ao pé da cruz os membros da nova comunidade, o novo povo de Deus que será beneficiado pelo dom do Espírito. "Ao pé da cruz estava a sua mãe... e junto dela o discípulo que ele amava..." (Jo 19,25-27). Como o demonstrou com talento Raymond Brown no seu livro "A comunidade do discípulo amado", os personagens do quarto evangelho têm quase uma dimensão coletiva, ou seja, representam grupos de pessoas, internas ou externas à comunidade dos crentes. A mãe de Jesus, já no episódio das bodas de Caná, representa o Antigo Israel, o Resto fiel à Aliança e que reconhece em Jesus o Messias, o enviado do Pai. Por isso a mãe de Jesus pode com total segurança convidar a "fazer tudo o que ele disser" (Jo 2,5) e portanto a realizar com ele e nele a Nova Aliança, que encontrará sua plena manifestação na cruz. Por isso em Caná a hora ainda não chegou, mas quando veio a hora, a mãe de Jesus de novo se encontra lá. Ela é portadora de toda a história do Povo de Israel que encontrou nela a mais perfeita expressão da sua história e agora em Jesus Cristo desabrocha para o Novo definitivo.

A essa comunidade fiel à Aliança, o Espírito, dom dos tempos messiânicos por excelência, é dado. Não somente ao Resto fiel mas também ao novo Israel, nova comunidade da Nova Aliança que no discípulo amado encontra sua mais alta expressão. Pois quem é o discípulo amado senão "aquele que guarda os mandamentos, que ama a Jesus e é amado pelo Pai" (Jo 14,21)? A nova comunidade, enriquecida pelo Resto fiel de Israel, por toda a Tradição do Antigo testamento (a Lei, os Profetas e os outros escritos), recebe o Espírito que será a presença animadora da sua caminhada, como o descobriremos na terceira parte deste trabalho.

Na continuidade do Antigo Testamento o Novo não só recebe a herança vétero-testamentária como também recebe o Espírito para se tornar a morada do Espírito Santo no mundo: Novo Templo de Deus de onde jorra em abundância a água viva do Espírito.

2.2. "Como o Pai... eu também..." (Jo 20,21)

Ficou claro que na perspectiva teológica de João o Espírito Santo é dado na hora da glorificação e que essa hora é também a hora da paixão e da morte. Porém João nos relata também o dom do Espírito, no primeiro dia da semana, aos Apóstolos reunidos na sala toda trancada.

É agora a hora da transmissão do Espírito?

Se o contexto da morte-glorificação de Jesus nos ajudou a perceber realmente a visão joanina quanto ao dom do Espírito, da mesma maneira o contexto desse evento do dia da Ressurreição nos orienta na busca do sentido em que o evangelista quis relatar esse novo dom do Espírito.

Ao se apresentar aos discípulos, Jesus os saúda com a paz: "A paz esteja com vocês" (Jo 20,19 e 21). Ora, a paz é a plenitude da vida, vida realizada, vida tal como o Pai a quis quando a criou para todos, vida em abundância como veio o Filho, enviado do Pai, para libertá-la de todas as limitações nas quais a opressão a esmaga e desvitaliza. O primeiro encargo que o Ressuscitado confia aos seus amigos é a continuidade da missão: "Como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20,21). A missão de Jesus será continuada na e pela missão dos discípulos; mais ainda, ela será continuada como Jesus a realizou, do jeito que Ele a viveu, com os mesmos recursos, portanto com o Espírito. O Espírito de Deus que acompanhou Jesus em toda a sua vida, principalmente a vida pública, agora esse mesmo Espírito vai continuar assistindo, auxiliando, animando a missão dos apóstolos.

De fato, é depois de transmitir sua missão e por causa dessa missão que Jesus renova o dom do Espírito aos discípulos e o renova também num contexto missionário. Para simbolizar a transmissão do Espírito, Jesus soprou sobre os apóstolos (Jo 20,22). Insufla neles um novo Espírito, que agora é definido por João como *Pneuma Hagion*, o Espírito Santo mesmo, ou seja, o Espírito do Deus Santo. Como o Pai, criador, insuflou seu sopro de vida na imagem tirada do barro (Gn 2,7... *Pnoé Zoés*: sopro de vida), assim Jesus transmite uma vida nova aos discípulos para que eles, por sua vez, a transmitam ao mundo inteiro. A missão consiste em criar um mundo novo, animado pelo Espírito de Deus, pois o julgamento já se realizou e o pecado foi condenado (Jo 16,8-11; 20,23). Novo mundo surgiu e vai continuar a surgir pela missão apostólica. Naturalmente o texto do dia da Ressurreição, primeiro dia da semana, lembra a semana da criação em Gênesis, a qual João já havia lembrado no início do seu livro: "No princípio..." (Jo 1,1). Assim como a primeira criação foi obra de Deus pela vivificação do seu Espírito, assim a nova criação em Jesus Cristo se realizou pela sua morte e Ressurreição (glorificação) e

665/03

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

a partir desse momento histórico vai inundar o mundo, insuflando um Espírito novo na criação inteira, pela missão dos discípulos de Jesus. A missão evangelizadora de fato, como escrevia Paulo VI na sua exortação "Evangelii Nuntiandi", é insuflar o Espírito do Evangelho em todas as realidades sociais.

A comunidade cristã é animada pelo Espírito, ela tem o Espírito, como Jesus, mas é para realizar a missão, não para uma satisfação pessoal. É para abrir as janelas e as portas do seu comodismo ou do seu conforto espiritualista e proclamar diante de todos os povos que um mundo novo começou a surgir. O *"escaton"* tão esperado já entrou na história da humanidade pela Ressurreição de Jesus: o novo já chegou.

Podemos concluir esse segundo passo, recolhendo o que encontramos no livro da glorificação ou da realização. Com a glorificação de Jesus (sua paixão, morte e Ressurreição) o Espírito Santo é dado à nova comunidade que assim surge, nasce, é criada. Mas esse Espírito é dado em função de uma missão, a mesma que Jesus recebeu do Pai: Criar um mundo novo, onde o pecado é condenado e onde a vida pode florescer abundantemente. Pois não basta afirmar: "Vimos o Senhor" (Jo 20,25), ainda é preciso testemunhá-lo pela obra que foi dele: criar um mundo novo, fora das portas e janelas trancadas (Jo 20,26: eles estão sempre dentro da sala, com portas e janelas fechadas...!).

3. "NÃO VOS DEIXAREI ÓRFÃOS" (Jo 14,18)

Com os capítulos 13 a 17 do quarto Evangelho, abordamos o livro que costumamos chamar de livro da comunidade. Na sua vida pública Jesus manifestou a sua glória – que também é a glória do Pai – através de sinais, sete ao todo. O que esses sinais revelaram da glória foi plenamente realizado na glorificação, narrada no livro da paixão, morte e Ressurreição e por isso chamado também de livro da glória. Entre esses dois livros se situam, literariamente falando, os capítulos que agora são objeto do nosso estudo. Corresponde este livro ao que, nos evangelhos sinóticos, é chamado de última ceia. Sabemos que João relatou essa última refeição de Jesus com os discípulos, mas com um conteúdo totalmente diferente. Ele quis dar a essa parte do seu livro o sentido de um "discurso de despedida" como já encontramos em outras partes das Escrituras (1Sm 12; Js 23; etc.). Jesus deixa seu testamento espiritual aos que vão continuar a sua obra, não somente os discípulos que estão junto dele nessa ceia, mas também "aos que pela palavra deles crerão em mim" (Jo 17,20). Jesus explica de maneira simples e clara (Jo 16,29) como a comunidade dos que crêem nele hão de manifestar a glória do Pai no mundo, como eles vão realizar as obras já realizadas por Jesus e farão obras maiores ainda (Jo 14,12). Podemos afirmar que se trata de um testamento espiritual, pois é nesses capítulos que João concentrou sua teologia do Espírito Santo e lembra às comunidades quem é o Espírito e qual é sua missão junto ao novo Povo de Deus.

A comunidade ficou sem a presença física de Jesus. Ela ficou sem apoio, sem arrimo, mas tem a certeza de que Jesus não a deixou órfã: Ele mandou um outro Paráclito, um outro consolador, um outro apoio seguro e forte que animará a caminhada difícil e penosa dos cristãos: o Espírito que vem do Pai, como Ele já veio do Pai, mas agora volta para junto do Pai (Jo 16,28; 14,26 e 15,26). Os discípulos não têm o que temer; Jesus volta para junto do Pai, mas essa ida é um benefício para eles, pois dessa partida depende a vinda do Espírito (Jo 16,7). Quando Jesus estava com eles, não havia necessidade do Espírito, pois Jesus possuía esse Espírito

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

e assim se tornava força, luz, defesa em seu favor. Agora que Ele vai embora, deixa com eles o seu Espírito, o mesmo Espírito que Ele recebeu do Pai a fim de realizar sua missão na fidelidade até o extremo. Eis o motivo pelo qual não havia ainda Espírito para os discípulos durante a vida pública de Jesus. João quis marcar de maneira bem clara esses dois momentos que são de fato duas etapas de uma mesma realidade: Jesus possui o Espírito e realiza a missão recebida do Pai; os cristãos possuem o Espírito e continuam a missão de Jesus. Esses dois mesmos aspectos encontrados na pessoa de Jesus e na transmissão do Espírito, nós os encontraremos aqui de novo.

3.1. "Ele permanece com vocês" (Jo 14,17)

A comunidade é como Templo de Deus, pois é nela e em cada um dos seus membros que Deus faz moradia (Jo 14,23), além de tornar-se também lugar da presença do Espírito. Como permaneceu (*menein*) o Espírito em Jesus, segundo o testamento de João, assim permanece (*menein*) na comunidade dos discípulos. Sendo o Espírito de Jesus, Ele não falará por si próprio mas só revelará aquilo que recebe (Jo 16,13). "Ele ensinará tudo e lembrará tudo o que Jesus falou" (Jo 14,26). Várias vezes João nos alertou no livro dos sinais (Jo 1 a 12) que os discípulos só passaram a entender a mensagem depois que Ele ressuscitou, ou seja, depois que eles tinham recebido o Espírito (Jo 2,22). Neles, o Espírito continua o que Jesus começou: revelar o Pai. A revelação totalmente dada em Jesus Cristo precisa ser retomada e esmiuçada no dia-a-dia. Se Jesus é a Verdade, os discípulos hão ainda de caminhar em busca da Verdade plena.

"Quando virá o Espírito da Verdade, Ele vos conduzirá à Verdade toda" (Jo 16,13). Muitas palavras, muitos gestos ou atitudes de Jesus não foram entendidos. O Espírito fará que se guarde a memória de tudo isto e que ao lembrar a pessoa de Jesus se possa descobrir cada vez mais a profundeza do seu ser e da sua mensagem. Eis ainda um motivo pelo qual João escolheu escrever o que Jesus fez e ensinou, de modo diferente dos sinóticos. Ele recordou e passou, à luz do Espírito Santo, o que a comunidade, depois da Ressurreição, compreendia da pessoa e da mensagem de Jesus: uma tarefa nunca acabada, uma tarefa que as gerações cristãs devem continuar sem fim até que a revelação plena seja entendida, e ela o será quando por nossa vez voltaremos junto do Pai, estaremos no seio do Pai, único lugar de onde se pode explicar bem quem é o nosso Deus (Jo 1,18; 13,25).

Ficando no mundo, os discípulos não são do mundo, não pertencem a esse mundo (Jo 17,14-15) pois são guiadas por um Espírito que não é o Espírito do mundo. Como Jesus se deixou guiar pelo Espírito do Pai, assim devem os discípulos caminhar na luz e na força do Espírito de Jesus. O Espírito é, nos discípulos, o novo elemento de vitalização e animação. Ele é a vida do Pai e do filho neles, é o dom maior que Jesus podia deixar para eles, pois é o seu próprio Espírito, sua vida. Enfim, o Espírito, no cristão e na comunidade, é a presença viva e continuada de Jesus.

3.2. "Vocês também darão testemunho..." (Jo 15,27)

Possuir o Espírito do Pai e do Filho não é um privilégio ou uma recompensa individual, é um dom comunitário em função de uma missão. Foi assim que João quis relatar a transmissão do Espírito à comunidade.

Dessa mesma forma, no livro da comunidade, João lembra aos seguidores de Jesus que, se eles têm o Espírito Santo, é para realizar uma missão, por sinal a

mesma de Jesus. Na força do Espírito eles vão produzir obras de vida, assumir atitudes que geram a vida e a vida em abundância, pois o Espírito é sopro de vida. Possuir o Espírito de Jesus é portanto criar ou recriar a vida e a vida para todos. Este é o primeiro dos sinais pelos quais o mundo poderá reconhecer que eles são discípulos e crer em Jesus e naquele que o enviou.

Mas o grande testemunho que os cristãos vão dar, animados pelo Espírito, é o testemunho que Jesus deu diante do tribunal dos judeus e diante do tribunal da história: "O príncipe desse mundo já foi julgado" (Jo 16,11). É o mesmo Espírito da Verdade que testemunha que a obra de Jesus foi obra do Pai, e testemunha através dos discípulos em toda parte e por todo tempo: "Ele me dará testemunho e vocês também darão testemunho" (Jo 15,26). Reencontramos aqui o grande tema do testemunho. João deu o testemunho de Jesus, o qual veio para testemunhar o Pai.

Hoje, no mundo, são os discípulos que levam em frente esse testemunho: o pecado é o não-crer, a justiça está na missão de Jesus realizada com toda fidelidade, a condenação é do príncipe desse mundo, que é pai da mentira, opondo-se à Verdade de Deus revelada em Jesus Cristo e agora presente na comunidade pelo Espírito (ver Jo 8,44). Jesus, por toda a sua vida, testemunhava o Pai, mas ele veio no meio dos seus e os seus não o receberam (Jo 1,11). No mundo os cristãos até hoje continuam testemunhando Jesus, mas hoje também eles encontram o ódio, a incompreensão e a perseguição. Pelo seu testemunho a comunidade continua julgando o mundo, desmascarando o seu pecado e sua injustiça, sua submissão ao príncipe desse mundo. Em vez de aderir à Verdade preferem a mentira. A Verdade tem por oposto não o erro mas a mentira. A Verdade é a realidade fundamental e última de todos e de tudo: Jesus nos revelou a Verdade, Ele é a Verdade, pois nele vemos e contemplamos a realidade da vida. A mentira é a ilusão e a inconsistência, aquilo que não tem existência mas só aparência. Jesus nos revelou o sentido profundo e real da nossa existência e assim destruiu todas as mentiras, todas as aparências enganadoras.

É essa Verdade que a comunidade, movida pelo Espírito, deve ainda hoje testemunhar. A glória, que para Deus é a vida, que se manifestou na cruz, revelou que a condenação de Jesus foi injustiça, revelou que muitos não creram nele, pois o rejeitaram, e assim caíram todas as aparências da boa consciência, da hipocrisia legitimada pela Lei, dos interesses pessoais defendidos até pela condenação do justo. Enfim, revelaram que esses juízes, doutores e senhores preferiram sua própria glória em vez de buscar e fazer resplandecer a glória de Deus (Jo 5,44).

Ainda hoje, em todos os injustamente condenados, em todos os crucificados, manifesta-se a glória de Deus e a sua Verdade que condena os que rejeitaram e aniquilaram o empobrecido e oprimido. A comunidade, ao tomar a defesa do injustiçado, continua pois a condenar o mundo que permanece na mentira. O Espírito da Verdade que permanece na comunidade a leva a se manifestar contra a mentira, a desmascarar as falsas aparências e a restabelecer a Verdade de Deus.

Mais do que obras maravilhosas, o cristão há de testemunhar o seu Senhor pela sua posição assumida no mundo, no seio da sociedade na qual ele vive. A primeira de todas as obras do cristão é a escolha do seu lugar social, como Jesus. Só o Espírito de Jesus lhe dará a luz do discernimento e a coragem da opção. Então o Espírito será para ele, de Verdade – isto é, realmente –, o seu Paráclito, seu advogado da defesa. Diante do tribunal do mundo, da sociedade que acusa e condena, o cristão continua assistido e auxiliado pelo Espírito Santo Paráclito, não

só consolador, mas defensor e estimulador de uma vida digna de Cristo na fidelidade ao compromisso assumido até o extremo (Jo 13,1).

CONCLUSÃO

Não é a conclusão do tema "O Espírito Santo no quarto Evangelho" que nos propomos a expor aqui, pois esse pobre artigo não esgotou em nada o assunto. Deus seja louvado se pelo menos abriu pistas. Mas também, como já escrevemos, o Espírito nos leva à busca da Verdade, dia após dia. Esse trabalho é para ser retomado ainda muitas e muitas vezes.

Permitam-me somente uma consideração a respeito das comunidades joaninas que podem ainda hoje questionar as nossas. Estas comunidades, conforme o testamento espiritual recebido de Jesus, são profundamente "espirituais". São comunidades sem muitas estruturas: qualquer lugar é lugar de adoração, a liderança está com aqueles que guardam e observam os mandamentos do Senhor, provavelmente têm os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, mas é exigido dos seus membros que dêem testemunho da Verdade lá onde eles estão inseridos.

Para viver a fé em Jesus Cristo, Filho de Deus, e assim encontrar a vida (Jo 20,31), uma só atitude: disponibilidade ao Espírito. É preciso acolher o Espírito para poder, pela sua vivificação, entrar no Reino de Deus (Jo 3,4-8). O discípulo, como Jesus, se deixa levar pelo Espírito, que como um vento nos leva por caminhos desconhecidos: a única segurança é que ele está conosco e que, sendo o Espírito do Pai e do Filho, nos conduzirá à Verdade total. "O Vento sopra onde quer, tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim é com aquele que nasceu pelo Espírito" (Jo 3,8).

O Reino do Pai é o mundo das novas relações com o Pai e com os irmãos, sem Templo (Jo 4,21), sem Norma escrita (*Torá* – Jo 5,39-40), sem peso de tradições ou conveniências sociais que podem esconder a verdadeira glória do Pai que é a vida (Jo 12,42-43). O Reino do Pai é a realidade da vida vivida na docilidade ao Espírito, sabendo que ainda não sabemos e que só Ele poderá nos levar até a Verdade Plena e definitiva (Jo 16,13).

Francisco Rubeaux
Caixa Postal 1438
66017-970 Belém, PA